

Leituras

- 4 Entrevista de Jean-Paul Fitoussi
- 8 "Belém", a nova revista cultural
- 9 "Ecstasy", de Irvine Welsh
- 12 A crónica de Eduardo Prado Coelho

"De Profundis, Valsa Lenta", de José Cardoso Pires

UM CÉREBRO OPTIMISTA

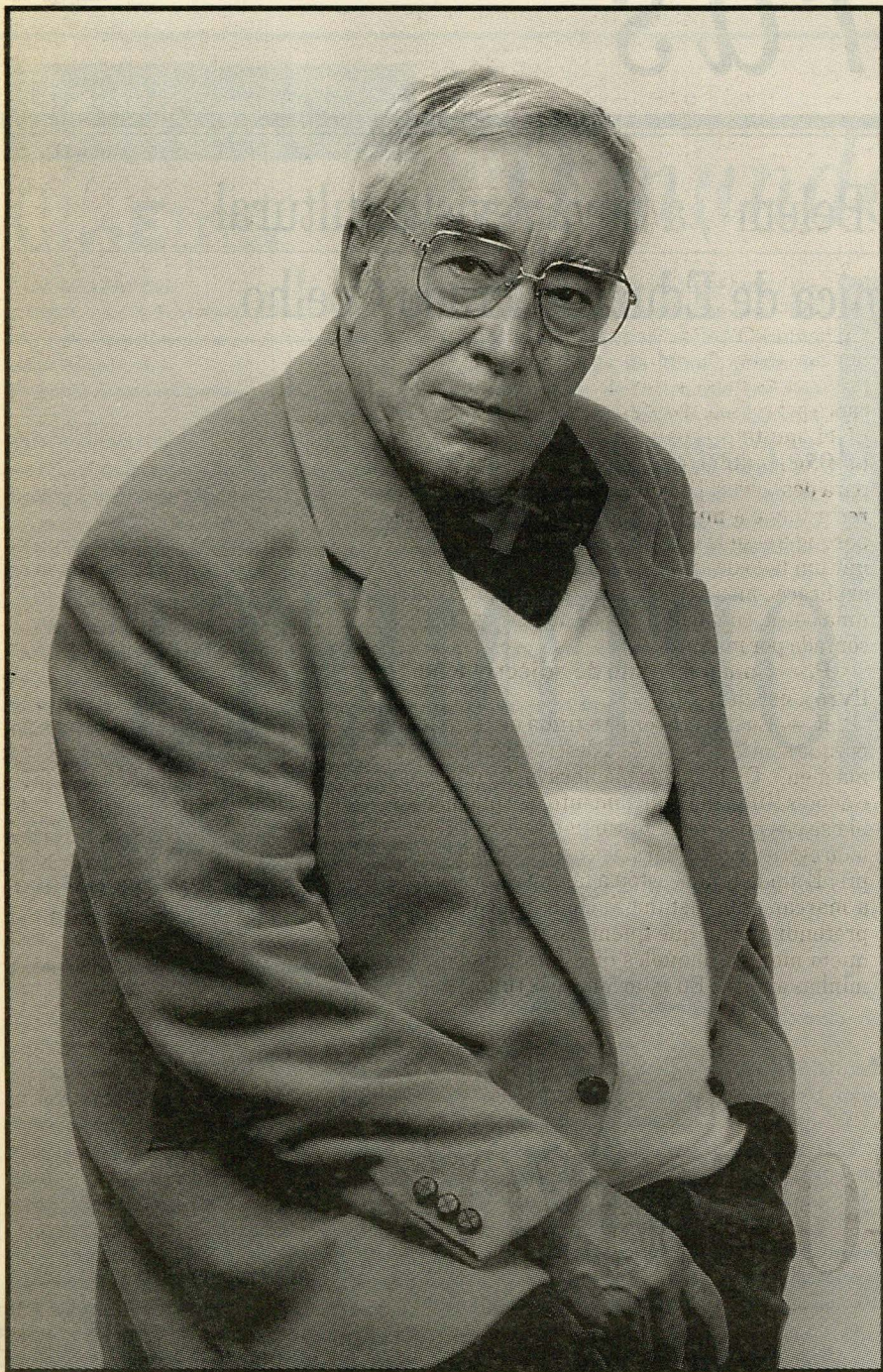


ILUSTRAÇÃO: GONÇALO RUIVO

TEREZA COELHO

José Cardoso Pires fala do seu novo livro, "De Profundis, Valsa Lenta", como uma memória descritiva. Uma "memória duma desmemória": quando um acidente vascular cerebral lhe afectou o centro da fala e da escrita e o transformou, durante uns dias, "noutro alguém". Um relato sem auto-comiseração e sem "efeitos especiais" a não ser um — o "efeito especial" da sua "linguagem de ficcionista", como ele lhe chama. O "efeito" que faz de "Valsa Lenta" um livro notável.

LUÍS VASCONCELOS



mas há fragmentos de uma ficção que se insinuam. Há uma viagem a uma memória, e essa viagem é “real”, mas faz-se, como diz José Cardoso Pires, através da sua “linguagem de ficcionista” — o que nos leva directamente aos seus romances. O quer que esta Memória seja, não é indispensável classificá-la. A não ser como um livro notável.

PÚBLICO — Esteve no Hospital de Santa Maria em Janeiro de 1995. Esta “memória” é publicada agora. Quanto tempo levou para se decidir a escrever?

JOSÉ CARDOSO PIRES — Não sei. Enquanto lá estive nunca pensei nisso. E, ao contrário do que pareço, não sou muito extrovertido... Todo o bicho-careta que escreve livros pensa: uma experiência bestial, vou contar. Há prateleiras de livros sobre isto, com certeza. Eu não os leio. Nem quero ler. Não é que tenha medo da morte, porque não é bem medo, é mais repugnância que eu tenho.

P. — Repugnância?

R. — É muito difícil haver mortes em beleza.

P. — E as mortes de repente, aquelas de que nós pensamos que não se sabe que se está a morrer? Uma crise cardíaca?

R. — A morte não começa aí. E o que acontece no mês anterior, por exemplo? E a parte física? Tenho um medo brutal da dor. O que me interessa na morte é a eutanásia. Eu leio tudo o que aparece sobre eutanásia, o que é extremamente significativo.

P. — Porque é que finalmente decidiu escrever sobre o que lhe tinha acontecido?

R. — Houve um jantar com o João Lobo Antunes, e ele começou a falar nisso... A verdade é que quando tivemos esse jantar eu já devia ter a percepção de que aquilo poderia ter interesse, embora não tivesse nenhuma ideia particular, e pensasse que era como o tipo que corta um dedo e, como não tem imaginação, acha que tem muito interesse contar a história de como é que cortou o dedo. Mas também comecei a pensar que podia ter interesse para as pessoas perceberem o que é, por ser escrito por um não-especialista... Atirei-me para aí.

P. — Nas suas descrições da parte da Neurocirurgia, no hospital, mostra que há coisas que são cómicas, mesmo quando se é obrigado a estar ali, uma espécie de humor negro. Viu isso naquela altura, ou já tinha lá estado?

R. — Não. As vezes que eu estive no hospital, na minha vida, foram estas duas. Achava piada à parada de “toilettes”, o roupão novo, as pantufas, o mais mal vestido era eu. Quando fui parar aos Cuidados Intensivos, havia uma fulana — eu estava na cama e não podia levantar-me — uma fulana pequenina, furiosa, seguida sempre por uma desgraçada, uma enfermeira, ou servente, que andava atrás dela e que ela insultava. Ela fugia e parava à porta do meu quarto. Eu estava sozinho, estendido, e tinha medo dela. Pensava: eu estou aqui e ela... Ela parava à porta e punha-se a olhar para mim furiosa. Um médico contou-me que ela tinha um pós-operatório com umas insónias terríveis. Um dia quis entrar. A servente veio agarrá-la e quando ela se voltou eu vi escrito no roupão, com adesivos, quarto número tal, cama tal... Como um pombo correio. Há coisas humorísticas, nos hospitais... E há um espantoso divórcio entre os médicos e este mundo trivial do hospital. Eles estão preocupados com o “como é que se resolve”, focalizados nisso. Não podem ver este tipo de humor. Eu mostra-lhes coisas que eles não tinham visto, ou a que não tinham achado graça nenhuma. Chamei ao livro “Valsa Lenta” por alguma razão.

P. — Gosto mais de “Valsa Lenta”, só, porque “De Profundis, Valsa Lenta” é um título tão dramático.

R. — Eu entendo isso, mas se eu não pusesse “De Profundis” não se percebia. E quanto ao humor, eu não lhe chamaria negro.

P. — Suponho que é mais adequado dizer que é um humor à Jacques Tati.

R. — Sim, mais para aí, mais para esse lado. A inocência que há naquilo. A maldade da inocência, se quiser.

Eu, ele e o outro

P. — Porque é que utiliza a palavra “Outro”, assim, com maiúscula? Nunca

percebi exactamente o que é se quer dizer com “Outro”.

R. — Nem eu...

P. — Bem, há três personagens, há o “eu”, há o “ele”, que é uma espécie de “it”, e depois há o “Outro” que...

R. — Neste “récit”, ou narrativa, ou qualquer coisa assim, eu comecei de uma maneira, e mudei para outra. Ao princípio era fácil, porque era uma ficção. Comecei a fazer uma coisa, cheio de boas intenções ao princípio, a história de um tipo que perde a memória, e depois no hospital, a certa altura, desmemoriado, foge. Depois desisti da ficção, e havia esta coisa que era o desdobramento da identidade. Começa com o “eu”. Depois, numa espécie de focagem, eu sigo o tipo que “saiu” de mim mas que não tinha nada comigo, nem eu com ele, e nessa altura fui para “ele”. Depois tenho uma consciência mais agravada de que esse tipo é outra pessoa, ainda mais distante, porque no “ele” ainda há uma aproximação, e o “Outro” é uma coisa indefinida... um “Outro” qualquer. O que foi difícil neste livro foi ter três sujeitos ao mesmo tempo. Propositadamente confundi-os muitas vezes, como me acontecia a mim.

P. — Mas não os confundia todo o tempo?

R. — De vez em quando tinha uns lampejos de lucidez que depois perdia. Houve quatro ou cinco coisas que eu registei, e que depois me vieram, por exemplo pensar: estou a caminhar para a loucura. Ou ver a palavra “BANHOS” escrita ao contrário. Ou estar a pensar no meu nome... Aliás pensar não, tudo quanto me vinha à cabeça, e eram muito poucas coisas, não as “pensava”, não tirava nenhuma ilação do que tinha “pensado”. Ocorria-me: “José. Este sou eu. Que nome tão feio”. Logo a seguir esquecia-me, desaparecia o nome.

P. — No livro os nomes são importantes. Eram importantes?

R. — Havia essa fixação nos nomes. Os nomes tocavam-me muito. Sem nomes a gente não se localiza, e eu precisava de me localizar. Acho que funcionava assim: eu andava para ali, aparecia-me alguém, e eu: quem é este? Este é o Joaquim. Bem, eu sei que é o Joaquim. Onde, se eu sei que este é o Joaquim, eu sei quem eu sou, qual é a minha relação com ele, sei onde é que estou.

P. — Mas, no livro, no meio dessa confusão, tem opiniões. Por exemplo, acha uns nomes feios.

R. — Soavam-me mesmo mal. Essa parte lembro-me porque foi ao princípio. Eu tenho um neto, que se chama Rui, que é um nome de que eu não gramo nem por um decreto. Disse que não gostava. Feio era um adjectivo fácil, era o que eu tinha à mão.

P. — Parece um homem duma tribo a ver se aprende outra língua.

R. — O problema é que eu tinha falta de vocabulário. Queria exprimir uma coisa e não sabia dizer.

P. — Às vezes sabia. Quando a médica lhe pergunta quanto dá onze menos nove, e a sua resposta é que seja o que for nove fora é nada?

R. — Lembro-me disso perfeitamente. E é estranho, porque isso é um raciocínio, eu a tentar dar uma prova de humor. Lembro-me de ter olhado para ela, com um ar tolerante, mas esta agora, o que é que eu hei-de dizer, e de olhar para o relógio e dizer aquilo. O que eu acho mais misterioso é como é que guardei três ou quatro coisas, por exemplo os fulanos sentados no banco... Impressionaram-me, ali sentados.

P. — As pessoas à entrada, como se estivessem à espera de “uma viagem confidencial”?

R. — Claro que não me ocorreu na altura assim, não sei como é que os via, mas recordo-me assim. Naquela altura era extremamente humilde. Queria que me dessem ordens. Não sabia onde estava, tanto me fazia...

P. — No livro usa uma expressão definitiva: o “tempo oco”...

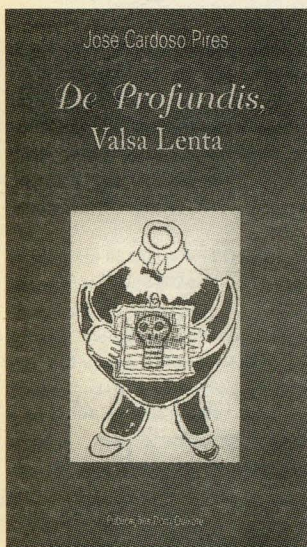
R. — Depois disto tudo li um poema do António Franco Alexandre — acho que já o tinha lido, mas voltei a ler há muito pouco tempo, nas Obras Completas — um dos primeiros, chama-se “De Profundis”, e ele diz “coração oco”. É muito estranho. “De Profundis”, e oco. Um poema muito bonito, o primeiro ou o segundo.

P. — Inventou palavras, durante aqueles dias — aquela que vem no livro, “simoso”, não sei se é assim que se pronuncia?

Em Janeiro de 1995 José Cardoso Pires esteve internado no Hospital de Santa Maria. O diagnóstico foi “acidente vascular cerebral de gravidade muito acentuada” (“De Profundis, Valsa Lenta”, pág. 29). Isto foi dito por um especialista do Serviço de Neurologia, que acrescentou que se tratava de uma situação bastante difícil, “um caso de esquiemia com recuperação lenta e frequentemente incompleta”. E que, embora não houvesse, do ponto de vista motor, preocupações, “o centro da fala e da escrita estava profundamente afectado e podia conduzir a uma sobrevivência em incomunicabilidade total”. Foi num desses dias que se falou em “morte cerebral” — “diagnóstico escandalosamente errado do ponto de vista médico, mas humanamente certo”, diz João Lobo Antunes na sua “Carta a um Amigo-Novo”, que antecede “De Profundis, Valsa Lenta”, que a Dom Quixote publica esta semana.

Escreve José Cardoso Pires: “Memória, Memória Descritiva, e, daí, Memória duma Desmemória poderia chamar-se a este relato se o rigor científico me tolerasse um título de metáfora tão esguia”. Umas páginas depois, enumera as limitações que a si próprio impôs: em resumo, cingir-se ao factual porque não se sentia seguro no campo da literatura médica. (Sendo neurocirurgião, não tendo essas limitações, João Lobo Antunes pode, na sua Carta, na qual também nos enquadra o caso de um ponto de vista médico, colocar hipóteses “ficcionalis” — por exemplo, a recuperação como “o triunfo de um cérebro optimista”).

Esta “Memória Descritiva” é dificilmente classificável: não é obviamente uma ficção,



José Cardoso Pires

De Profundis,
Valsa Lenta



Dom Quixote

Título: De Profundis,
Valsa Lenta

Autor: José Cardoso Pires
(precedido de “Carta a um Amigo-Novo”, de João Lobo Antunes)

Editor: Dom Quixote
69 págs., 1.980\$00
(À venda no dia 23 de Maio)

R. — Eu também não tenho a certeza se é assim que se pronuncia. O que me acontecia era: eu dizia uma palavra que era uma refracção da palavra em que eu estava a pensar. Pensava na palavra correctamente. O meu discurso — penso que isso é típico — começava sempre bastante bem, com as duas ou três primeiras palavras da frase. Depois havia um cansaço imediato e eu começava a meter consoantes nas palavras, e tinha consciência, pelo menos ao princípio tinha essa consciência, de que ninguém me estava a perceber. Então fazia um sorriso — parece que eu era profundamente amável, coisa que não sou normalmente. Se calhar era medo, um tipo estava perdido no meio daquilo e tinha que ser amável para as pessoas, acho que andava sempre a sorrir. Disseram que eu andava muito bem disposto, sempre a rir-me, o que parece que era verdade, e a falar latim, o que é perfeitamente impossível, porque eu latim só sei o do liceu, que é curto. Tinha sido a minha sorte grande. Estava no Vaticano, a esta hora.

P. — Disse que tinha começado por fazer outro livro. O que era?

R. — Primeiro pensei em fazer exactamente o que fiz. Depois comecei a desinteressar-me e a pensar que podia tirar dali uma história. Fiz isso, e quase acabei. Era sobre a memória, que para mim é fundamental — o que eu aprendi com isto foi o valor da memória. Sem memória não se faz nada. Não há afectos — como é que posso ter afecto por uma pessoa se não tiver qualquer memória? E se não temos memória de nós mesmos não temos identidade.

P. — Como era essa sua história?

R. — Um individuo está no hospital, sem memória, e um dia, quando está desmemoriado por inteiro, foge do hospital. Mas foge incons-

cientemente. Anda perdido. Depois, com o facto de ter ido para outra temperatura, de ter saído dali, subitamente regressa a memória. E essa memória dá-lhe outra cidade que não é aquela onde ele tinha vivido. Isso aconteceu-me também um bocadinho: de facto, quando vim do hospital, até à minha entrada nesta casa, a cidade que eu atravessasse era outra cidade, passados dez minutos de estar em casa, voltou tudo ao mesmo, mas na travessia até aqui vi uma cidade completamente diferente — e nessa altura eu já estava lúcido há uns dias. Essa história, do ponto de vista científico, não devia ter ponta por onde se lhe pegasse... Mas eu estava-me nas tintas para isso. Não ia consultar os médicos para ver se era verdade. Era um homem só, à procura de fazer uma memória de si mesmo — tinha-a perdido — mas não reconquistava a memória antiga, estava a fazer uma nova. Portanto era como se tivesse nascido com setenta anos. Isto num esquema muito resumido.

P. — Mas ficaram uns fragmentos de ficção. Naquela parte da “Valsa Lenta”, com os dois homens que estavam no seu quarto, em que um diz que sonhou que o médico o decifrava “de tampa aberta” e que lhe saíam borboletas da cabeça, e o outro diz que saíam vespas...

R. — Essa parte não é ficção, é verdade. A maneira como um se vinga no outro...

P. — Sendo verdade, recriou os diálogos?

R. — Não tinha lá nenhum gravador... Mas os termos que eu acho bonitos são todos deles — por exemplo, “a tampa do intrínseco”... Quando um falava o outro fazia que não o ouvia. Não se voltavam um para o outro, um porque não podia voltar-se na cama, e o outro porque

não queria, mas percebia-se que se tinham comprometido um com o outro... que havia ali uma relação.

P. — Qual é o estatuto deste livro? Não é uma ficção, mas por vezes é escrito como se fosse, com personagens, etc.

R. — Não sei. Com excepção dos diálogos daqueles dois tipos, porque o que eu tinha deles era o que eles diziam e três ou quatro expressões que eu “agarrei”, eu não tinha gravador, e a “ficção” pode ser isso, no resto eu procurei ser totalmente rigoroso. O que pode ter acontecido é que eu, por ausência de formação científica, por não saber os códigos, o vocabulário, as expressões médicas, e sobretudo, por não ter segurança sobre isso, tive de descrever muito ao meu nível, muito pessoalmente, e a linguagem que usei foi a minha, que era a única que eu tinha para descrever. Daí que muitas vezes possa parecer que é a minha linguagem de ficcionista, porque é aquela que eu tenho, e isso pode assumir um lado de “personagem”. Estou a dar esta explicação mas não sei se é assim — quis contar uma coisa, com o mínimo de adjectivação, mas contada por mim.

P. — Com o mínimo de adjectivação. O livro é estrito.

R. — Eu a escrever isto tinha de ter pudor, porque sentia que estava a descrever um problema meu... Dizia que me lembrava de uma coisa e depois tinha um policiamento, porque não sabia se era possível lembrar-me assim. Talvez o lado estrito venha daí. Tive esse complexo sempre. E ainda tenho, estou a falar e estou sempre a marcar uma distância. Uma das coisas que pretendi dar foi que quem morreu não fui eu, quem morreu naqueles dias foram as pessoas minhas amigas. Eu estava-me nas tintas. ■

“CARTA A UM AMIGO-NOVO”

de João Lobo Antunes

Um sábado de manhã, dois dias depois do início da crise, e obedecendo à ordem de um amigo inquieto (transmitida por outra amiga inquieta), entreguei-me à missão, bem portuguesa, de me “inteirar do seu estado de saúde”. É convicção, arregaçada na alma lusitana, que a interferência de médico graúdo, apura o tratamento, apressa a cura, empresta enfim ao paciente estatuto de maior fidalguia. Além disso, sempre é “informação directa”, como se diz das peças mais caras, nos catálogos dos leilões chiques. Encontrei assim o escritor cuja obra eu admirava, e cuja lenda atingira para mim dimensão mitológica, numa enfermaria de precárias condições, mas, como se veio a provar, único local apropriado para recolher um artista do seu génio, tombado por acidente deste tipo. Prefiro acidente ao “ataque isquémico transitório” da literatura anglo-saxónica, com que, com alguma boa vontade, se poderia carimbar o seu caso pois a sua aflicção durou mais de um dia. Quanto ao “ataque”, lembro-me sempre de um passo de Jules Romains — “A banda atacou o hino russo, que se defendeu bem!”.

Quando o visitei, levava eu as tais calças de xadrez de palhaço “snob”, conforme V. inadvertidamente teledifundi, pormenor agora omitido, mas registado na altura por uma memória desgovernada, que gravou, também insolitamente, a imagem da pulseira bordada da neurologista que de si cuidava. Da brancura da paisagem que o envolvia iam nascendo fugazes fantasias cromáticas. É natural que tal sucedesse: Mondrian que sobe, melhor que ninguém, simplificar estas coisas, dizia que são o traço e a cor e as relações entre elas, que põem em jogo o registo sensual e intelectual da totalidade da vida interior.

O grande choque para mim, foi o seu discurso. Não havia dúvida, o José Cardoso Pires sofria de uma afasia fluente grave, ou seja, não era capaz de gerar as palavras e construir as frases que transmitissem as imagens e os pensamentos que algures no seu cérebro iam irrompendo. A sua fala era um desconsolo: atabalhoada, incongruente, polvilhada de parafasias — palavras em que os fonemas estavam parcial ou totalmente substituídos. Sem fala, escrita e leitura, a Agência Lusa foi peremptória: morte cerebral, diagnóstico escandalosamente errado do ponto de vista médico, mas humanamente certo.

Também eu executei os tais testes, e lhe fiz as tais perguntas idiotas da praxe, para tentar perceber até onde a doença amordaçava a voz que tantas liberdades proclamara. Sei, agora, que uma nave espacial o tinha entretanto transportado para outra galáxia — metáfora que eu prefiro à sua, mais anedótica, da ilha dos três naufragos —, onde palavras como óculos, relógio, cama, não tinham préstimo ou sentido, e onde, para designar todos os objectos conhecidos, e os mais que havia ainda por in-

ventar, se aplicava o neologismo extraordinariamente eufónico que V. criara: “simoso”.

Sai, desanimado e inquieto, pensando onde raio iria encontrar relojoeiro que o consertasse. Havia, no entanto, uma réstia de esperança. A tomografia axial computadorizada (o “TAC” ou o “taco” como o povo lhe chama) era normal. Esperança débil, porque é sabido que no início, nestes acidentes, o tecido cerebral mantém, com um resto de “coquetterie”, a sua imagem intacta. Para averiguar da profundidade e da reversibilidade do mal é preciso pois recorrer a técnicas de outra sofisticação que permitem fazer o correcto levantamento dos estragos. Era claro para todos nós que um minúsculo coágulo de sangue se esgueirara a partir da sua paciente bomba cardíaca, ou de artéria grossa, parcialmente enferrujada, e viajara até parar e entupir, ou então, houvera birra da canalização local. De qualquer modo, um grupo de neurónios dos de melhores pergaminhos ficara subitamente privado de oxigénio para respirar e açúcar para se alimentar. Quando tal sucede por um período prolongado de tempo (e não é preciso muito) a célula nervosa começa a sofrer, e a primeira coisa que se altera é a sua membrana, dama de permeabilidade aristocraticamente selectiva. Entram então sódio e cálcio, e sai potássio, e produzem-se substâncias a que os químicos chamam radicais livres, causadores dos maiores malefícios como qualquer de nós pode adivinhar, pois radicais não são para andar à solta. A pouco e pouco esgota-se a energia, a célula desfalece e morre.

Acontece, porém, que quando esta privação de oxigénio e nutrientes não é total, a célula entra numa espécie de hibernação, no universo a que os especialistas chamam de penumbra isquémica, ou, o que é ainda mais poético, transforma-se em bela adormecida. As frentes da luta terapêutica buscam a reconstrução da permeabilidade do vaso entupido, o prolongamento quanto possível deste estado de hibernação protectora, e a estabilização da membrana, como que reforçando a política de fronteiras.

Se nesta área o progresso conceptual dos últimos anos é notável, as conquistas efectivas vão surgindo mais lentamente. É claro que em séculos não muito remotos, em situações de apoplexia, diagnóstico inevitável em caso como o seu, se recorria logo à sangria. O pobre rei Luís XIII sofreu num só ano 47, além de 212 purgas e 215 clisteres. É escusado dizer-lhe que morreu jovem.

É claro que lhe podia enunciar cientificamente os possíveis mecanismos pelos quais se operou a sua “restitutio ad integrum”. Não sei, nem para o caso importa muito, quais eles foram. Eu tenho dias outras explicações originais, uma talvez pouco científica e a outra digna de mais madura reflexão.

(...)

SONS MUDAM DE SUPLEMENTO

As habituais secções de Jazz e música Clássica deixam, a partir de hoje, de integrar o suplemento Leituras — que, com alguns melhoramentos gráficos previstos para breve, continuará a publicar-se aos sábados. Música e espectáculos terão novos suplementos no PÚBLICO, com saída prevista às sextas-feiras, substituindo os actuais “Zap” e “Pop Rock”. Devido a esta reestruturação, Jazz e Clássica retomarão o contacto com os leitores apenas no próximo dia 13 de Junho, já nos novos suplementos. Em breve serão anunciados os pormenores desta alteração editorial.